



PSICANÁLISE

Isabelle Alfandary

Ciência e ficção em Freud

Qual epistemologia para a psicanálise?

Blucher

CIÊNCIA E FICÇÃO EM FREUD

Qual epistemologia para a psicanálise?

Isabelle Alfandary

Tradução

Rafaela Flores

Revisão técnica

Vladimir Safatle

Ciência e ficção em Freud: qual epistemologia para a psicanálise?
Título original: *Science et fiction chez Freud: quelle épistémologie pour la psychanalyse?*

© 2021 Isabelle Alfandary
© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonatas Eliakim
Produção editorial Luana Negraes
Preparação de texto Maurício Katayama
Diagramação Guilherme Henrique
Revisão de texto Karen Daikuzono
Capa Leandro Cunha
Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alfandary, Isabelle

Ciência e ficção em Freud : qual epistemologia para a psicanálise? / Isabelle Alfandary ; tradução de Rafaela Flores. – São Paulo : Blucher, 2022.

200 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-548-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-549-7 (eletrônico)

Título original: *Science et fiction chez Freud: quelle épistémologie pour la psychanalyse?*

1. Psicanálise 2. Ciência e psicanálise 3. Freud, Sigmund, 1856-1939 4. Psicanálise – História I. Título. II. Flores, Rafaela.

22-1195

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	9
1. O inconsciente como hipótese	15
2. A tentação das intrigas nos <i>Estudos sobre a histeria</i>	59
3. “O Homem dos Lobos” ou o apelo ao crer	101
4. A hipótese fantástica das origens	145
Conclusão	195

1. O inconsciente como hipótese

Freud não via divórcio entre a ciência e a sua ciência, a psicanálise, mesmo quando esta última defendia pontos de vista considerados como errôneos pela ciência.

André Green, *O trabalho do negativo*

O inconsciente é uma hipótese que seu inventor não cessou de buscar apoiar, confrontar a multiplicidade dos casos e dos sonhos, aplicar em outros contextos culturais e históricos que não o clínico do qual ela emergiu e comunicar seus resultados. Avançando a hipótese do inconsciente, Freud se engajou no caminho da ciência. A psicanálise que ele funda não é aos seus olhos somente um método terapêutico, nem mesmo uma hermenêutica, também não é um anexo da psicologia ou da psiquiatria, mas, sobretudo, uma ciência nova e independente.

O que justifica a fundação de uma ciência nova é o fato de que a psicanálise destaca e explica manifestações que até então eram despercebidas ou tidas como negligenciáveis e que as relaciona a um princípio único. A ciência do inconsciente identifica fenômenos

novos com os quais nenhum outro campo do saber havia se preocupado, isola certos fatos ou atos cuja ocorrência é explicada por uma concepção nova e inferências inéditas. Ciência da natureza,¹ segundo Freud, a psicanálise retira então da clínica – a começar pela clínica da histeria – uma série de princípios e de leis. Na lição sobre “Sonho e ocultismo” (1933), Freud expõe seu método: “Vamos proceder assim como fazemos com qualquer outro material da ciência: primeiro, verificar se tais acontecimentos são efetivamente comprovados, e depois – mas só depois – que sua realidade não der margem a dúvidas, procurarmos a explicação para eles”.²

A primeira etapa da metodologia consiste em isolar o que a ciência nova reconhece como fenômenos. Estes se encaixam em um novo recorte da realidade: ao lado da realidade material, Freud destaca uma realidade não menos irreduzível: a dos desejos inconscientes e das fantasias, a realidade psíquica.

A psicanálise identifica fenômenos que considera inteligíveis a partir dos quais renova radicalmente o *status*. É o caso do sonho. Não que a interpretação do sonho tenha sido inventada por Freud – esta prática humana existe desde a mais alta Antiguidade –, o método que ele desenvolve é, em contrapartida, sem precedentes. Freud estabelece que alguns fenômenos que passaram despercebidos até o momento têm uma logística estrita que pode doravante ser descrita. A cura das histéricas pela qual se inaugura o método psicanalítico é acompanhada por uma elaboração teórica de tipo científico. Freud

1 “Freud considerava a psicanálise como uma ciência da natureza, o que só faz sentido se levarmos em conta a distinção entre ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), no mundo germânico no final do século XIX, profundamente marcado pela conhecida querela dos métodos.” M. Winograd e M. Davidovich, “Psychanalyse freudienne et épistémologie. Disputes politiques”, *Recherches en psychanalyse* 2014/1, p. 73.

2 S. Freud, *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), OCF 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 115.

desenvolve um conjunto de fenômenos e sustenta o princípio da universalidade dos processos psíquicos que concernem tanto aos doentes que vêm consultar como às pessoas que não sofrem de distúrbios nervosos.

Este último ponto é de fato capital para a fundação de uma ciência independente das ciências já existentes e principalmente da psiquiatria, ocupada em descrever e em tratar o que se compreende comumente por doença mental. Diferentemente da medicina, a psicanálise se interessa sobretudo pelos “fenômenos normais”, relativos aos “sujeitos normais”. Como lembrou Georges Canguilhem, Friedrich Nietzsche havia estabelecido em seu tempo, a partir dos traços de Claude Bernard, uma relação de homogeneidade da doença e da saúde que não é estrangeira à concepção freudiana. “O valor de todos os estados mórbidos consiste no fato de que eles mostram sob uma lupa certas condições, que, ainda que normais, são dificilmente visíveis no estado normal.”³ Não que a psicanálise não reconheça a existência de manifestações patológicas como tais, mas as vias do sofrimento não são procedentes de esquemas de causalidade fundamentalmente diferentes dos processos ditos “normais”. A fenomenalidade psíquica que Freud descobre tem uma vocação terapêutica, mas não uma base estritamente mórbida. A lógica inconsciente que ele identifica concerne tanto às pessoas “sãs de corpo e de espírito” como às outras. Diante do sonho, Freud se encontra na impossibilidade de distinguir o normal do patológico. O princípio de causa dos fenômenos psíquicos confunde as categorias que são, em contrapartida, bem distintas entre o normal e o patológico. A causa dos distúrbios que a psicanálise descreve e trata não corresponde a um modelo idêntico do qual os sintomas orgânicos surgem.

3 F. Nietzsche, *La Volonté de puissance*, § 533, citado por G. Canguilhem, *Le Normal et le Pathologique*, Paris, PUF, 2013, p. 20.

Os fenômenos que estuda a psicanálise podem parecer primeiramente heterogêneos comparados uns aos outros:⁴ atos falhos, ações fortuitas, erros, sonhos, delírios, visões, ideias compulsivas, devaneios, lapsos, jogos de palavras. Esse inventário, que concerne tanto aos sujeitos ditos normais quanto aos que apresentam distúrbios nervosos, é heteróclito somente em aparência. A nova ciência freudiana levanta, sob a contingência aparente de eventos que acreditamos fortuitos, uma necessidade e uma comunidade profundas. O que estas manifestações percebidas como insignificantes têm em comum é que elas podem ser levadas a um princípio de inteligibilidade único. A psicanálise volta sua atenção sobre os “indícios muito fracos”,⁵ “aqueles eventos modestos, descartados pelas demais ciências como demasiado insignificantes – o refugio, por assim dizer, do mundo dos fenômenos”.⁶ Freud não ignora o quanto sua abordagem é audaciosa, até mesmo escandalosa. Ele chega a fazer de conta que dá a palavra aos seus críticos mais amargos:

mas se tudo que ela [a psicanálise] pode fazer é explicar por que um orador eventualmente troca uma palavra por outra ou por que uma dona de casa não sabe onde guardou as chaves e outras futilidades desse tipo, nesse caso temos melhor emprego para nosso tempo e interesse.⁷

4 “Quem não conhece os fatos patológicos, vê como casuais os lapsos das pessoas normais e se limita à velha sabedoria de que ‘os sonhos são espumas’ [Träume sind Schäume], precisa apenas negligenciar mais alguns enigmas da psicologia da consciência para se poupar a hipótese de uma atividade anímica inconsciente.” S. Freud, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 77.

5 S. Freud, *Conferências introdutórias à psicanálise*, OCF 18, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 26.

6 *Ibid.*, p. 26.

7 *Ibid.*

Em contrapartida, este “refugio dos fenômenos” abre o caminho para uma investigação científica, para se fazer destacar uma ordem de determinação paralela ao que ele designa como “desencadeamento da fenomenologia do mundo”. A necessidade dos fenômenos psíquicos é menos estabelecida que a de fenômenos físicos e se desenvolve em outro plano lógico: “Mas romper dessa forma o determinismo natural, ainda que em um único ponto, é o mesmo que abrir mão da totalidade da concepção científica do mundo”.⁸ Em 1907, Freud sustenta a tese do determinismo psíquico estrito:

Mas há muito menos liberdade e arbitrariedades na própria vida que somos obrigados a admitir que talvez não haja nada disso. O que no mundo exterior denominamos acaso resolve-se em leis, como é sabido. Também o que na esfera psíquica denominamos arbítrio baseia-se em leis – apenas obscuramente entrevistas, por enquanto.⁹

Como existe a intuição nisto, as repercussões epistemológicas de sua descoberta não são negligenciáveis. Uma ciência do inconsciente digna deste nome desafia os fundamentos da ideia de ciência, nossa concepção do fenomenal e até mesmo nossa representação do mundo.

Freud assim defende que alguns de nossos pensamentos – que ele designa pelo nome de “atos anímicos”¹⁰ –, mesmo aqueles que nos parecem mais insignificantes ou insensatos, são atrelados aos processos que podem ser precisamente descritos. Inclusive o que a psiquiatria chama de “ideia delirante” é um processo que, por mais complexo e contrariador que seja, pode ser explicado se necessário. Se a ideia

8 *Ibid.*

9 S. Freud, *O delírio e os sonhos na Gradiva*, OCF 8, São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 8.

10 S. Freud, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 77.

é chamada de delirante, sua formação é estritamente necessária. Na base da tese nietzschiana segundo a qual a razão não é de forma alguma pensamento, Freud sustenta que a consciência está longe de constituir a psique em sua totalidade.¹¹ A psicanálise não faz nenhum julgamento à racionalidade como tal: é o único império da consciência irrevogavelmente reduzido sob o efeito de sua hipótese, que ela mesma critica. Desde Platão, a história da filosofia tem se esforçado para explicar nossas ideias racionais; a psicanálise se dá por tarefa tomar conhecimento de alguns de nossos pensamentos, mesmo absurdos, ou fantasiosos, de nossas ideias incidentes, de suas trajetórias, que escapam à jurisdição da consciência e à ordem cartesiana das razões. As ideias que nos atravessam nos obscurecem, inclusive as que atravessam ou obscurecem o homem dito “normal”; as da vida diurna, as que pairam em nossos sonhos, não se devem ao acaso. A origem de nossos pensamentos comuns ou fortuitos estava até então tida como indiferente, porque Freud sugere que ela era desconhecida; a psicanálise contesta este duplo postulado. É precisamente de uma extensão do campo do conhecível que procede a psicanálise freudiana. Como sublinha François Roustang, “Isto vai muito longe. Para Freud, o discurso consciente, em que a mais alta expressão está no discurso da ciência, é inteiramente impregnado e invadido pelos mecanismos inconscientes”.¹² Em contrapartida, esta extensão não é sem limite ou sem método. A descoberta freudiana consiste em sustentar a hipótese do psiquismo inconsciente que determina o indivíduo até no seu pensamento consciente e a de uma consistência às formações ou produções que constituem a realidade de sua vida psíquica e de seus atos. A diferença entre a psicanálise e a psicologia é então o fato de que a ciência freudiana

11 “Temos o direito de responder que a assimilação convencional do psíquico e do consciente não é de forma alguma utilizável.” *Ibid.*, p. 68.

12 F. Roustang, *Un destin si funeste*, Paris, Payot, 1976, p. 110.

não se interessa prioritariamente pela consciência cuja integridade ela indiretamente mina.

Os distúrbios do espírito não resultam, segundo sua hipótese, da psique consciente. Eles estão ligados a uma causa ou a um princípio que escapa à consciência e que, entretanto, a determina. A psicanálise busca demonstrar a existência de um sistema inconsciente que resulta nos estados e nos mecanismos psíquicos conscientes estudados pela psicologia. Sem buscar explicitamente englobar a psicologia na ciência psicanalítica em nascimento, a psicanálise, em razão de sua hipótese estrutural, se não priva a psicologia de seu objeto – o estudo dos mecanismos conscientes –, limita de fato seu campo de aplicação e a potência de suas explicações. A primeira tópica freudiana reduz assim a consciência a uma ilha no mapa da psique.

A hipótese

Devemos voltar à fórmula da hipótese do inconsciente tal qual ela é enunciada no artigo “O inconsciente” (1915), tirado do que deveria constituir o projeto de metapsicologia finalmente abandonado, para compreender a razão pela qual o inconsciente é apresentado sob a forma de uma hipótese.

Contestam-nos de todos os lados o direito de admitir um psíquico inconsciente e de trabalhar cientificamente com esta hipótese. Podemos responder a isso que a hipótese do inconsciente é necessária e legítima, e que nós possuímos múltiplas provas da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência são extremamente lacunares tanto no homem são quanto no homem doente em que se produzem frequentemente

*atos psíquicos, que, para serem explicados, pressupõem outros atos que, eles próprios, não se beneficiam da prova da consciência.*¹³

Freud não ignora que a ciência analítica apresenta uma anomalia em vista das outras ciências experimentais ao se basear em um princípio que não pode ser considerado como uma causa, não tendo uma natureza fenomenal. Como o neurologista que ele era, havia praticado a dissecação do cérebro, e como o analista que ele se tornou, cedeu à evidência da impossibilidade em fundar sua descoberta sob uma base orgânica. Neste aspecto, dois tópicos sucessivos que ele propôs têm apenas uma função heurística: as instâncias e as forças que elas representam não têm nem substância, nem localização somática. Por outro lado, Freud insiste na não coincidência entre formações psíquicas e elementos orgânicos. Para justificar o princípio de não lugar do inconsciente, ele usa um argumento de tipo dinâmico para caracterizar a natureza do traço mnésico:

*Podemos evitar um possível abuso desse modo de apresentação se lembrarmos que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem jamais ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, e sim, digamos, entre eles, onde resistências e vias facilitadas formam seus correlatos.*¹⁴

As formações psíquicas entendidas como facilitações não são unidades compostas e localizáveis anatomicamente pelo fato de que a natureza delas é essencialmente intersticial e que elas se enquadram na estrutura do “entre”.

13 S. Freud, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 77.

14 S. Freud, *Interpretação dos sonhos*, OCF 4, 2019, p. 606.

Antes de examinar mais anteriormente a razão da escolha freudiana da hipótese, consideremos uma das primeiras ocorrências desse termo na obra. Ela se encontra na discussão do primeiro caso clínico nunca apresentado por Freud, o da Sra. Emmy von N.:

Talvez possa lembrar aqui um pequeno trabalho no qual tentei dar uma explicação psicológica das paralisias históricas. Ali, cheguei à suposição de que a causa dessas paralisias residiria na inacessibilidade de um círculo de ideias – por exemplo, relativo a uma extremidade – a novas associações. Esta inacessibilidade associativa, por sua vez, proviria de que a ideia do membro paralisado está incluída na lembrança do trauma, carregada de afeto não tratado.¹⁵

Freud formula aqui uma hipótese que será retomada e estendida em *A interpretação dos sonhos* (1900) e o caso “Dora” (1905) e por meio da qual ele sustenta que o sintoma histórico procede do recalque. A ideia ou as ideias inacessíveis se traduzem por uma manifestação sintomática cuja causa não é se investigar a partir de um disfuncionamento orgânico, mas a partir do que ele designa como uma “inacessibilidade associativa”. Esta definição do inconsciente, que não carrega nem mesmo seu nome ainda, e por mais rudimentar e limitada que esteja ela, nesse estado muito precoce de sua formulação, é próxima da versão que Freud conservará ao longo de toda a sua carreira. A hipótese avançada aqui como simples hipótese de trabalho – solicitada a ser confirmada ou infirmada – será mantida e alterada sob forma de hipótese que eu qualificaria de princípio.

15 S. Freud, *Estudos sobre a histeria*, OCF 2, São Paulo, Companhia das Letras, 2016, p. 90. Grifo meu.

Freud vai se ater ao inconsciente como hipótese, ainda que ele tenha adquirido uma experiência clínica significativa e que mantenha provas irrevocáveis de sua descoberta. A ligação entre um estado factualmente somático e uma causa referente a uma ordem que Freud descreve como uma “inacessibilidade associativa” continuará marcada pelo selo da hipótese. O espinhoso problema sobre o qual se funda a ciência analítica nascente vem de que “Não é fácil deduzir teoricamente a possibilidade da repressão”.¹⁶

Como Freud faz questão de fundar a psicanálise como ciência, ele pode apenas supor o princípio de um elo entre estes atos psíquicos e um princípio explicativo e unificador da psique, somente por inferência. Se o inconsciente não é um objeto de experiência direta, suas formações e seus efeitos compõem, em contrapartida, uma legião que atesta não sua existência, mas sua necessidade lógica.

A ciência analítica apresenta sua particularidade, se não a anomalia ao menos aparente, de se apoiar em uma causa que tem a forma de uma hipótese. A razão desta escolha freudiana é a de que o inconsciente tem uma função específica: ele é explicativo e exploratório, sua demonstração se faz por padrão, no padrão do “testemunho da consciência”. A prova do inconsciente é uma prova lógica e não experimental, obtida por inferência. O inconsciente nunca é colocado por Freud como fenômeno – como tal não há existência –, mas como condição de possibilidade de fenômenos qualificados de “psíquicos”.

A exigência transcendental

O que Freud quer a todo custo evitar é que o inconsciente se confunda ao *noumenon*, ou seja, ao registro do desconhecido da coisa em si, tal como definida por Emmanuel Kant. A tese de um inconsciente

16 S. Freud, “A repressão”, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 62.

numenal constituiria uma dificuldade intransponível para a psicanálise e privaria o psicanalista de toda possibilidade científica de relacioná-los. É a razão pela qual Freud procura por todos os meios negociar um *status* epistemológico particular para o inconsciente e garantir uma legitimidade epistemológica própria, ainda que paradoxal. A hipótese do inconsciente tal como elaborada por Freud se apoia *in fine* sobre a filosofia kantiana que ocupa o lugar de barreira de proteção e de ideal, ainda que ela coloque em crise o sujeito transcendental.

Em suas lembranças de Freud, o psiquiatra Ludwig Binswanger confirma a natureza hipotética do inconsciente freudiano e a relaciona com a distinção kantiana:

Como autêntico explorador da natureza, Freud não diz nada sobre a natureza do inconsciente, precisamente porque nós não sabemos de nada ao certo sobre isto; tudo o que sabemos, deduzimos a partir do consciente. Ele estimava que, assim como Kant postulava por detrás do fenômeno da coisa em si, assim ele postulava por detrás do consciente, que é acessível a nossa experiência, o inconsciente, que não pode nunca ser o objeto de uma experiência direta.¹⁷

Binswanger se lembra até do dia em que Freud o interpelou precisamente sobre a relação entre “coisa em si” e “inconsciente”. “Freud me pergunta se ‘a coisa em si’ de Kant não era o que ele entendia, Freud, por ‘inconsciente.’”¹⁸ Esta confirmação biográfica indireta é preciosa porque ela prova o quanto Freud não desconhecia o problema epistemológico que representava sua ideia *princeps*. Nos seus escritos, o psicanalista toma muito cuidado em silenciar tais

¹⁷ L. Binswanger, *Discours, parcours, et Freud*, Paris, Gallimard, 1970, p. 275.

¹⁸ *Ibid.*, p. 276.

tipos de preocupações, mantendo-se deliberadamente, em relação à filosofia, em uma atitude que Jacques Derrida justamente qualificou de “evitamento”,¹⁹ por vezes chegando ao limite da negação, ainda que de forma estratégica. Isto obviamente não o impediu de pensar com e contra a exigência transcendental kantiana.

Freud tinha consciência da exigência epistemológica que seria preciso satisfazer se ele pretendia fundar a psicanálise como ciência: ultrapassar o que aparentava ser um impasse – a tese de um inconsciente não fenomenal – e elaborar um *status* que, sem isentar o direito comum dos fenômenos, levou em conta a especificidade de sua descoberta. Compreendemos o quanto a corda estava bamba para o inventor da psicanálise. No artigo de sua metapsicologia intitulada “O inconsciente”, ele menciona explicitamente o nome Kant, cuja presença espectral é presente em todo o texto.

*A suposição psicanalítica da atividade anímica inconsciente nos parece, por um lado, um desenvolvimento ulterior do animismo primitivo, que em tudo nos fazia ver imagens fiéis de nossa consciência, e por outro lado o prosseguimento da retificação, empreendida por Kant, de nosso modo de conceber a percepção externa. Assim como Kant nos alertou para não ignorar o condicionamento subjetivo de nossa percepção e não tomá-la como idêntica ao percebido incognoscível, a psicanálise adverte para não se colocar a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente, que é o objeto desta percepção.*²⁰

19 J. Derrida, *La Carte postale. De Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Flammarion, 1980, p. 281.

20 S. Freud, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 80.

É pela analogia com a estética transcendental kantiana que o inconsciente freudiano encontra, se não sua legitimação máxima, ao menos sua justificação teórica. Descartando de antemão a objeção da coisa em si que condenaria a psicanálise a se tratar de uma questão de fé e que não a qualificaria como ciência, Freud toma autoridade do sujeito transcendental para justificar a hipótese de uma determinação inconsciente. A convocação explícita da estética transcendental kantiana, por mais estratégica que seja, é decisiva porque ela testemunha premissas e pré-requisitos da epistemologia freudiana.

Trata-se, para o psicanalista, de nada menos que situar sua teoria sob o alto patronato kantiano e retirar a garantia científica que dela deriva. Assim como Kant sustenta na primeira parte da *Crítica da razão pura* o princípio de um quadro *a priori* que determina a forma de nossas intuições, Freud também coloca um processo psíquico que informa e condiciona nossas percepções conscientes. Sem ir até o ponto de sustentar explicitamente a tese de um inconsciente puro (ou seja, de um inconsciente *a priori* e que não se mistura com a experiência) comparável à intuição do mesmo nome, Freud começa por defender a ideia de uma psique inconsciente como forma. O capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* insiste na natureza desconhecível do inconsciente em uma comparação que prefigura a analogia com a estética transcendental kantiana:

*Na psicanálise só nos resta declarar os processos anímicos em si como inconscientes e comparar sua percepção pela consciência à percepção do mundo externo pelos órgãos dos sentidos.*²¹

21 S. Freud, *Interpretação dos sonhos*, OCF 4, São Paulo, Companhia das Letras, 2019, p. 80.

É sobre um argumento e uma analogia de tipo filosófico – que não são alheios à crítica cartesiana dos sentidos enganosos da primeira *Meditação metafísica*²² – que se baseia uma das definições históricas do inconsciente. Por mais que o inconsciente não possa ser conhecido pela experiência, ele se justifica plenamente: “Um ganho em sentido e coerência é motivo plenamente justificado para irmos além da experiência imediata”.²³ A negociação epistemológica da psicanálise freudiana se apoia inteiramente em uma preposição – “além”, *jenseits* em alemão – que ocupa um lugar particular em seu vocabulário e assunto sobre o qual eu voltarei. O inconsciente nunca foi concebido como um “objeto real”, mas descrito desde *A interpretação dos sonhos* como originando uma forma. O inconsciente não sendo um objeto de intuição sensível, sua experiência não é propriamente dita impossível. Ele é concebido como a condição de possibilidade das representações psíquicas conscientes e inconscientes. Não há nada aqui que choque o entendimento kantiano: as formas *a priori* da sensibilidade que são tempo e espaço também não são diretamente conhecidas.

Apesar das provas que ele afirma deter, Freud recusa apoiar o inconsciente como tese. As razões do que se sobressai em uma extrema prudência metodológica devem ser examinadas ainda antes. É de fato por meio de duas asserções sucessivas e aparentemente contraditórias que se abre a seção “Justificação do inconsciente”: “Se além disso pudermos edificar, sobre a hipótese do inconsciente, uma prática bem-sucedida, mediante a qual influímos no curso dos processos conscientes, teremos neste sucesso uma prova indiscutível da existência daquilo suposto”.²⁴ Por que então não concluir? Freud acredita proceder com todo o rigor. Uma vez que a hipótese foi colocada, ele não se apressa em declarar a validade adquirida sobre o fundamento das provas que ele julga, entretanto, incontestáveis.

22 R. Descartes, *Méditations métaphysiques*, Paris, Nathan, 1983, p. 42.

23 S. Freud, *Metapsicologia*, OCF 12, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 77.

24 *Ibid.*, p. 77.

Por que prorrogar o inconsciente no seu estatuto de hipótese além do tempo de espera necessário para a demonstração ordinária?

Se Freud se preserva de converter a hipótese em tese, é porque ela não se refere a uma simples hipótese lógica – seguida de uma demonstração e de uma conclusão –, nem mesmo a uma hipótese de tipo hipotético-dedutiva como as que encontramos nas ciências experimentais, mas a um tipo de hipótese que eu qualificaria de teórico-clínica. O regime da prova do inconsciente é colocado por Freud como experimental, cumulativo e retrospectivo, o que equivale a protelar *sine die* sua validação:

Se além disso pudermos edificar, sobre a hipótese do inconsciente, uma prática bem-sucedida, mediante a qual influímos no curso dos processos conscientes, teremos neste sucesso uma prova indiscutível da existência daquilo suposto. Então será preciso adotar o ponto de vista de que é uma pretensão insustentável exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência.²⁵

O que isso significa? Que a possibilidade de prova da hipótese do inconsciente é mais precária do que o esperado, que concomitantemente parece que o *status* de hipótese é o mais apropriado para perseguir tanto o trabalho clínico quanto teórico da psicanálise. Não que Freud não tenha provas clínicas detalhadas de sua descoberta que detalha principalmente em seus estudos de caso, mas, como o inconsciente não é um objeto de experiência, é praticamente impossível concluir: o inconsciente não é nada, a rigor, se não a condição de possibilidade de explicação de fenômenos que de outra maneira permaneceriam inexplicáveis.

²⁵ *Ibid.*

O *status* e a função da hipótese como implementada pela ciência analítica não é, entretanto, única em seu gênero. Outras ciências contemporâneas com a descoberta freudiana utilizaram um dispositivo comparável combinando o conhecimento empírico com princípios teóricos. O matemático e físico Henri Poincaré dedicou um livro inteiro ao lugar das hipóteses na ciência em 1902. Sobre o tema da mecânica, uma ciência derivada da física, ele articulou a relação entre experiência e “postulados”:

*Os princípios da mecânica se apresentam assim sob dois aspectos diferentes. Por um lado, são verdades fundadas na experiência e verificadas de forma muito aproximada em relação a sistemas quase isolados. Por outro lado, eles são postulados aplicáveis ao universo como um todo e considerados como rigorosamente verdadeiros. Se estes postulados possuem uma generalidade e uma certeza que faltavam nas verdades experimentais das quais se derivam, é porque são reduzidos, em última análise, a uma simples convenção que temos o direito de fazer, porque estamos certos de antemão de que nenhum experimento o contradirá. Esta convenção não é, no entanto, absolutamente arbitrária; ela não emerge de nosso capricho; nós a adotamos porque certas experiências nos mostraram que ela seria conveniente.*²⁶

O raciocínio do físico lembra a dupla abordagem paralela de Freud: por um lado, “verdades baseadas na experiência” e, por outro, postulados que têm a notável singularidade pecaminosa de possuir “uma certeza que faltava nas verdades experimentais das

26 H. Poincaré, *La Science et l'Hypothèse*, Paris, Flammarion, 1969, p. 162-163.

quais elas derivam”. A clínica psicanalítica aponta um princípio cuja veracidade é necessária sem poder ser comprovada empiricamente. O que Poincaré chama de “certeza” é o grande tema da ciência freudiana: em seu trabalho clínico e teórico, Freud não deixou de procurar estabelecer a validade de tal certeza para aumentar o grau de credibilidade da hipótese. Assim como o físico, ele avança numa dupla frente: a das verdades ou provas clínicas – experimentais – que estão presentes em número, e a da hipótese – o princípio – que tem a natureza de uma convenção e sobretudo não a forma de um dogma. Mas não há nada de arbitrário na convenção que é o próprio inconsciente: “ele não sai de nosso capricho”. Não se destina a ser convertida em tese, mas pode ser revisada se necessário. A extrema prudência heurística de Freud não é incompatível com a concepção modificável da ciência defendida por Poincaré:

Papel da hipótese. – Toda generalização é uma hipótese; a hipótese tem, portanto, um papel necessário que ninguém nunca contestou. Entretanto, deve ser sempre submetida à verificação o mais rápido possível e com a maior frequência possível. É evidente que se ela não suporta este teste, devemos abandoná-la sem hesitar. Isto é o que se faz em geral, mas às vezes com certo mau humor. Bem, este mau humor não se justifica; o físico que acaba de desistir de uma de suas hipóteses deveria, ao contrário, estar cheio de alegria, pois ele acaba de encontrar uma oportunidade inesperada de descoberta. [...] Se a verificação não é feita, é porque há algo inesperado, algo extraordinário; é porque vamos encontrar algo desconhecido e novo.²⁷

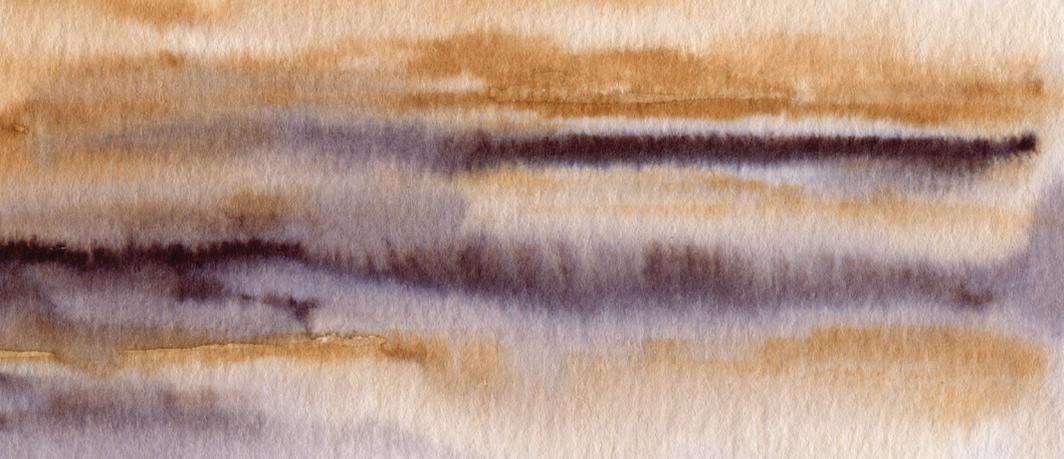
²⁷ *Ibid.*, p. 178-179.

Assim como o físico zangado, o psicanalista não vislumbra a felicidade em considerar sua refutação, mas por definição deve ter cuidado para não excluir a possibilidade de que ela ocorra. O inconsciente é um sistema cujo postulado permite o conhecimento de novos fenômenos: não é uma verdade da fé, nem mesmo uma verdade da experiência. Ele tem a natureza de uma modelização fundadora que nos permite explicar as relações entre supostas causas e efeitos perceptíveis.

Compromisso epistemológico

A hipótese do inconsciente, no entanto, é – nisto reside a reviravolta de força freudiana – tudo menos sinônimo de hipotética. Como Freud, Poincaré afirma a necessidade da convenção sobre a qual a ciência se baseia: “absolutamente não arbitrária”. A hipótese permite a Freud tornar inteligível um regime de experiência – o dos fenômenos psíquicos – que foi trazido à luz e que se tornou explicável. Sua natureza de convenção se deve a sua demonstração indireta: é um princípio inferido, e não uma causa de natureza fenomenal. A hipótese do inconsciente serve a Freud como um cavalo de Troia para entrar numa fortaleza fingindo estacionar em sua porta. O que está além deste recinto que Freud acredita forçar, se não por truques, ao menos pelo método? O império do conhecimento ao qual Freud aspira como um ideal; um ideal ao qual ele pretende ter acesso pelo “caminho seguro da ciência”,²⁸ como Kant o nomeia. Se a psicanálise não fosse cientificamente fundada, nada em seu conhecimento ou em sua prática a separaria fundamentalmente da crença, nem da religião. A hipótese do inconsciente é o princípio com o qual o psicanalista deve trabalhar – o princípio, e não o conceito, o que, do ponto de vista clínico, muda consideravelmente a situação e a

28 E. Kant, “Préface à la seconde édition”, *Critique de la raison pure*, Paris, Garnier-Flammarion, 1987, p. 39.



Ciência e ficção em Freud fornece uma contribuição decisiva não apenas para a discussão sobre o estatuto científico da psicanálise. Ele nos mostra quanto a consolidação do discurso científico deve ao uso sistemático da ficção, da escritura e de procedimento que, à primeira vista, poderiam parecer mais próprios à interpretação de obras literárias. Nessa original reflexão a respeito do estatuto da práxis analítica, Alfandary nos leva à reconstrução sucessiva dos modelos epistemológicos que moldaram a psicanálise, sempre expondo como eles foram acompanhados pela modificação e pela multiplicação dos gêneros de escritura. Dessa forma, constitui-se uma articulação cerrada entre filosofia, clínica, teoria das ciências e sensibilidade literária capaz de mostrar como a ficção não é o avesso da cientificidade, mas um regime de formalização constituinte da realidade humana e das modalidades de intervenção em seu seio.

Vladimir Safatle

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-548-0

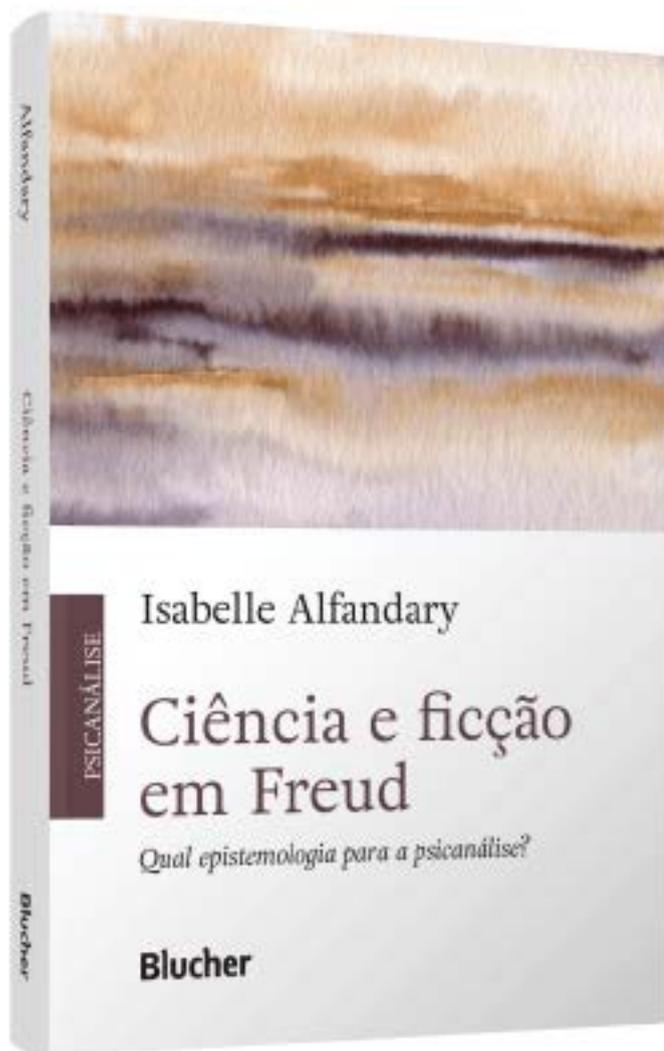


9 786555 065480



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Ciência e Ficção em Freud

Qual epistemologia para a psicanálise?

Isabelle Alfandary

ISBN: 9786555065480

Páginas: 200

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
